CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
17 de Julho de 2023

FINTAR O DESTINO / 1998

um filme de Fernando Vendrell

Realização: Fernando Vendrell *Argumento, Diálogos*: Carla Baptista, Fernando Vendrell *Fotografia* (35 mm, cor): Luís Correia *Som* (Dolby SR): Vasco Pimentel *Música*: Nuno Canavarro *Decoração*: Rui Alves *Guarda-Roupa*: Rosário Moreira *Caracterização*: Sano de Perpessac *Montagem*: Pedro Ribeiro, Sandro Aguilar *Misturas*: Branko Neskov *Interpretação*: Carlos Germano (Mané), Betina Lopes (Lucy), Manuel Estêvão (Djack), Daniel Martinho (Alberto), Paulo Miranda (Kalu), Elísio Leite (Toy), Ana Firmino (Manuela), Rita Loureiro (Júlia), Horácio Santos (Américo), Elisângela Monteiro (Nina), Belinha (Sílvia Lima) Participação Especial: Rui Água, António Veloso.

Produção: David & Golias (Portugal, Cabo Verde, 1998) Co-*produção*: RTP, Instituto Caboverdiano de Cinema, António da Cunha Telles *Produtores*: Luís Alvarães, Isabel Silva *Cópia*: DCP (resultado da digitalização 4K do negativo de câmara original 35 mm e da mistura final de som Dolby SR, cor, 80 minutos, com legendas electrónicas em português nos diálogos em crioulo *Primeira apresentação pública*: 17 Fevereiro de 1998, no Festival Internacional de Cinema de Berlim (Alemanha); 20 Fevereiro de 1998, no Fantasporto (Portugal) *Estreia comercial em Portugal*: 8 de Janeiro de 1999 *Primeira apresentação na Cinemateca*: 11 de Junho de 2004 ("Bola ao Centro", com Imagens de Portugal nº 248, 1962).

O filme é apresentado numa nova cópia digital de alta resolução, realizada no âmbito do projeto FILMar (digitalização do património cinematográfico), com o apoio do programa EEAGrants 2020-2024.

com a presença de Fernando Vendrell| decorrendo a sessão na Esplanada 39 Degraus, a projecção tem um intervalo de 15 minutos

---

Fintar o destino diz o título, alinhando as graças futebolística e da fatalidade com as quais o filme *jogará* assente nas culturas portuguesa e cabo-verdiana, num diálogo histórico, entendimentos, desentendimentos, subentendidos. Uma finta, desportiva, é um passe de ataque simulado para iludir um adversário; indo buscar a sua origem a *finto*, nome de imposto antigo noutro arquipélago atlântico, a Madeira, que também designa uma substância lêveda, *fintar* tanto exprime engano como fermentação – fenómeno de transformação química e efervescência. As palavras são sábias.

A primeira longa-metragem de Fernando Vendrell, a partir de um argumento original co-escrito por ele e Carla Baptista, trabalha uma série de ressonâncias à superfície das quais se encontra, não a metáfora, mas o campo do futebol a que o cinema português tem sido atento. É o nível imediato, o epicentro narrativo de *Fintar o Destino* que, nessa linha de raciocínio, encaixa na filmografia de *O Leão da Estrela* ou *Bola ao Centro* de Arthur Duarte e João Moreira (1947) ou nos posteriores *És a Nossa Fé* de Edgar Pêra (2004) e *Ruth* de António Pinhão Botelho a partir de um argumento de Leonor Pinhão (2018). Os filmes de Duarte e Moreira aproximam-se da comédia e do melodrama; focando o fenómeno das bancadas numa espécie de ensaio auto-reflexivo, o filme de Pêra centra-se menos na bola do que no fenómeno do seu espectáculo massivo; noutro registo, o de Pinhão Botelho adapta um momento específico da biografia de Eusébio. Em *Fintar o Destino* estamos em plena ficção: "Mindelo, São Vicente, Cabo Verde, 1993. Mané não foi o grande guarda-redes que a

juventude lhe prometera. Ao passar os 50 anos, sentindo a bola afastar-se implacavelmente das mãos, Mané vai fazer tudo para resgatar o seu sonho."

O núcleo da história é pois a de um homem, Mané, antigo guarda-redes do Mindelense e adepto incondicional do Benfica (raramente é um pormenor), logo abrindo para o círculo concêntrico seguinte da decepção e da possibilidade de lidar com ela. Outro atinge o plano da insularidade e o do embate com um território, Cabo Verde. A "declaração de intenções" do filme sugere, num justo tom – "*Fintar o Destino* nunca quis ser um olhar português sobre Cabo Verde. Ao contrário, queríamos que um cabo-verdiano olhasse para nós". E assim há um trânsito entre o Mindelo, em São Vicente, onde a maior parte da acção decorre, e a "grande Lisboa" para a qual o protagonista viaja numa incursão de ajuste-desajuste de contas nem por isso irremediável. O protagonista carrega o peso de uma hipótese perdida – tendo tido a oportunidade de deixar Cabo Verde e jogar em Lisboa, no Benfica, não o fez, ao contrário de outro colega da sua geração, Américo, a quem perdeu rasto, mas em cujo destino glorioso acredita.

No momento presente da sua vida, proprietário de uma tasquinha em que o futebol é a atracção pregada em recortes de jornais, fotografias e afins nas paredes, esse passado por viver atormenta-lhe a meia-idade: como treinador de uma equipa juvenil local, aposta num jovem talento (Kalu) em que projecta aquilo que não chegou a ser – um grande jogador numa grande equipa. Quando se decide a uma viagem solitária a Lisboa para poder assistir ao final da Taça de Portugal e negociar com o Benfica o interesse do clube no seu jovem jogador, Mané está no fundo a permitir-se um encontro adiado. É a primeira vez que sai de Cabo Verde. É a primeira vez que visita Lisboa, apesar de ter um filho que aí vive há cerca de dez anos e de ter uma nora e um neto lisboetas. É a primeira vez que pisa o relvado do Estádio da Luz (o antigo, ainda para muitos benfiquistas "o verdadeiro"), apesar de em tempos ter sido convidado para jogar no clube. Talvez seja a primeira vez que enjoa, um ilhéu que contem o receio do voo a bordo de um avião e que sobretudo agonia numa travessia de cacilheiro entre as duas margens ribeirinhas de Lisboa.

O encontro com Lisboa, onde Mané desembarca como quem vai conhecer uma terra de oportunidades, devolve-lhe antes de mais o oportunismo – o bilhete comprado na candonga não permite que assista à conquista da Taça de Portugal pelo Benfica no Estádio Nacional e remete-o a uma visão do jogo, sem som, do lado de cá de uma montra de aparelhos de televisão sintonizados no canal devido. Por outro e o mesmo lado, Mané confronta-se com uma realidade inesperada: com o filho (que não gosta de futebol preferindo-lhe o serão da novela televisiva), junto de quem por fim conquista uma cumplicidade ausente da vida familiar sacrificada à obsessão pelo futebol; e com o que é revelado ao dar com Américo, o que teve coragem de partir de Cabo Verde, mas que afinal não teve futuro glorioso nenhum em Lisboa. A delicadeza do reencontro dos dois velhos amigos algures no Seixal conta como não foi nada assim e, em certo sentido, que a vida continua – ao contrário das expectativas sonhadas.

A amargura não é um sentimento que entre no léxico de *Fintar o Destino*. Se a viagem de Mané a Lisboa serve para diluir a imagem idealizada da cidade, serve sobretudo para o tal acerto com a própria vida e as próprias escolhas. A pacificação do desfecho, no regresso de Mané a Cabo Verde como um homem tranquilo capaz de guardar, com o segredo da falta de uso que lhe deu, o troféu do bilhete do jogo da Taça que os seus conterrâneos viveram sonoramente no sítio convivial do costume

via rádio. Imprima-se a lenda… é o subtexto do doce final de *Fintar o Destino*, por onde passa uma revelação do espírito cabo-verdiano, ou o olhar do filme sobre a revelação de um espírito cabo-verdiano. Aqui pressente-se o espírito das ilhas. Por isso são memoráveis as sequências na tasquinha de Mané, as das acesas discussões clubísticas envolvendo o campeonato português, as dos encontros para ouvir comunitariamente os relatos dos jogos que acontecem noutro lado do mesmo oceano. E outros apontamentos que participam do retrato da experiência do Mindelo nos idos anos iniciais de 1990, o grogue, os tecidos de cores vistosas e cortes habilidosos, por exemplo. Ou – outro exemplo – a realidade do pequeno avião apanhado na pista de terra para chegar à ilha de Santiago e daí embarcar na viagem transatlântica rumo a Portugal (uma elipse do filme) bem como a da chegada ao Aeroporto de Lisboa com várias encomendas de pessoas conhecidas e desconhecidas a entregar a outras pessoas desconhecidas que nesses outros tempos era comum, era simples e era possível. Talvez seja um daqueles pormenores a perder "na tradução", no tempo que passa dissolvendo referências da boleia de mercadorias transportada por estranhos.

Os melhores planos de *Fintar o Destino* dispensam palavras e alarido. São os da abertura do filme em que sob o fundo da paisagem vulcânica um miúdo descalço desenha na terra, com uma sachola e cal branca, o centro de um improvisado campo de futebol. O miúdo está sozinho, a escala dos planos mostra-o a ele e à deserta-marinha amplitude em redor. Dir-se-ia que a ideia do filme se concentra nessa primeira sequência. Quando Mané visita o Estádio da Luz, durante a "peregrinação benfiquista" da viagem a Lisboa e é guiado por Rui Águas até ao campo relvado no estádio vazio, que toca com a mão num emocionado silencioso gesto, é desses planos do princípio que voltamos a lembrar-nos. Um individuo é um individuo. O Estádio da Luz poderá ser glorioso, a relva de um estádio profissional magnífica, mas valha a verdade que nada bate a fotogenia de um campo terraplanado cor-de-terra aberto ao mar e a um vento soalheiro.

Noutro *raccord* voltamos a círculos concêntricos. *Fintar o Destino* tem outra espécie de parentesco na filmografia portuguesa dos anos 1990 em que coincidiu Cabo Verde ter sido visto como um território de ficção cinematográfica. Na ilha do Fogo, e por esta ordem de rodagem em São Filipe e Chã das Caldeiras, foram filmados *Ilhéu de Contenda* de Leão Lopes (1995), cabo-verdiano de Santo Antão que adapta o romance homónimo de Henrique Teixeira de Sousa na primeira produção apoiada pelo Instituto Cabo-verdiano de Cinema, e *Casa de Lava*, segunda longa-metragem e raiz do cinema vindouro de Pedro Costa (1994); já *O Testamento do Senhor Napumoceno* de Francisco Manso (1997) a partir do romance de Germano de Almeida foi rodado no Mindel tal como *Fintar o Destino*. A afinidade é territorial e nessa cronologia, *Fintar o Destino* propõe-se como "uma história simples" erguida entre os vulcões e o oceano.

Maria João Madeira